



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO  
CURSO DE FARMÁCIA**

**REBECA MARQUES VERAS  
WENDEL DA COSTA MARQUES**

**A AUTOMEDICAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS EM  
IDOSOS E A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO: UMA  
REVISÃO DE LITERATURA**

**FORTALEZA**

**2023**

REBECA MARQUES VERAS  
WENDEL DA COSTA MARQUES

A AUTOMEDICAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS EM IDOSOS  
E A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO: UMA REVISÃO DE  
LITERATURA

Artigo TCC apresentado ao curso de Bacharel em Farmácia do Centro Universitário da Fametro – UNIFAMETRO – como requisito para a obtenção do grau de bacharel, sob a orientação do prof. Dr. Rodolfo de Melo Nunes.

FORTALEZA  
2023

REBECA MARQUES VERAS  
WENDEL DA COSTA MARQUES

A AUTOMEDICAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS EM IDOSOS  
E A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO: UMA REVISÃO DE  
LITERATURA

Artigo TCC apresentado no dia 13 de junho de 2023 como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Farmácia do Centro Universitário da Fametro – UNIFAMETRO – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Rodolfo de Melo Nunes  
Orientador – Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

---

Prof<sup>a</sup>. Suzana Barbosa Bezerra  
Membro – Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

---

Prof<sup>a</sup>. Thays Silva de Aragão  
Membro – Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva – ESP

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradecemos a Deus pela sabedoria, pelo dom da vida e pela capacidade de poder estar hoje realizando a conclusão de mais uma preciosa etapa de nossa vida, sem Ele jamais teríamos chegado até aqui.

Aos nossos pais, agradecemos por todos os ensinamentos, sacrifícios, amor e paciência que tiveram conosco. Obrigado(a) por todo o auxílio durante toda a nossa vida. Os amamos muito e cada conquista em nossa vida devemos a vocês e ao Senhor Deus.

Ao professor Dr. Rodolfo de Melo Nunes, que com sua dedicação e cuidado de mestre, orientou-nos na produção deste trabalho. Aos nossos professores por todo o conhecimento compartilhado durante esses cinco anos. Foram anos repletos de muitas aprendizagens.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”  
Arthur Schopenhauer

# A AUTOMEDICAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS EM IDOSOS E A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Rebeca Marques Veras<sup>1</sup>  
Wendel da Costa Marques<sup>2</sup>  
Rodolfo de Melo Nunes<sup>3</sup>

## RESUMO

Estudo da automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) em idosos é de extrema importância, já que esses medicamentos são amplamente utilizados e podem causar efeitos adversos graves em pessoas mais velhas, incluindo sangramento gastrointestinal, disfunção renal e risco de eventos cardiovasculares. O objetivo deste estudo foi identificar, por meio de evidências científicas, a incidência e os riscos da automedicação de anti-inflamatórios não esteroidais em idosos bem como a importância da atenção farmacêutica. Foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura, com busca na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Scielo, Google Acadêmico e PubMed, e os dados foram coletados entre janeiro e março de 2023, utilizando apenas artigos publicados entre 2018 e 2022. Doze documentos foram selecionados dentre 1258 para compor a amostra. Os resultados indicam que a automedicação com AINES é comum entre idosos, e a taxa de automedicação varia amplamente, de 21% a 92,4%, dependendo do país. Os fatores que influenciam a automedicação incluem sintomas como dor, febre e inflamação, bem como fatores socioeconômicos, dificuldade de acesso aos serviços de saúde e disponibilidade de medicamentos sem receita médica. Outros fatores incluem ter o medicamento em casa, achar desnecessária uma consulta médica para uso de um medicamento isento de prescrição, a facilidade em adquiri-los sem prescrição médica e o conhecimento prévio da ação farmacológica do medicamento. Os AINES mais comumente utilizados incluem diclofenaco, paracetamol, dipirona, nimesulida, AAS, ibuprofeno, cetoprofeno, meloxicam e lornoxicam. Os sintomas relatados devido ao uso de AINES incluem tontura, náuseas, diarreia, irritação gástrica, refluxo, mal-estar, desmaio, edema e anemia. Em casos mais graves, pode ocorrer hepatite medicamentosa, insuficiência renal, sintomas cardiovasculares e a necessidade de internação. Conclui-se que o conhecimento dos fatores e riscos associados à automedicação com AINES pode ajudar na conscientização dos idosos, familiares, amigos, vizinhos e profissionais de saúde sobre o uso seguro desses medicamentos. Por fim, os dados descritos permitirão ao profissional de saúde, como por exemplo: o farmacêutico, agir na promoção do uso racional de AINES nos idosos, assim como auxiliar no tratamento adequado da doença, minimizando os riscos de interações e efeitos colaterais, além de evitar futuros agravamentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anti-inflamatório não esteroidais. Automedicação. Idosos. Riscos.

---

Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário da Fаметro – UNIFAMETRO.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário da Fаметro – UNIFAMETRO.

<sup>3</sup> Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário da Fаметro – UNIFAMETRO.

## 1. INTRODUÇÃO

A automedicação por parte da população idosa é uma atividade que vem se tornando cada vez mais comum por diversos fatores, entre eles a dificuldade de acesso a serviços básicos de saúde para a população, o baixo grau de escolaridade, particularidades fisiológicas, a fiscalização errônea na venda de medicamentos principalmente os isentos de prescrição, como os anti-inflamatórios e os analgésicos (SECOLI et al, 2019).

A população idosa também é considerada altamente vulnerável a utilização de anti-inflamatórios não esteroides (AINES) e automedicação, em razão de grande parte conviver com doenças crônicas e apresentar alto consumo de remédios, como, aqueles sem prescrição médica. Segundo Ferreira et al (2021) os AINES possuem três ações principais: anti-inflamatória, analgésica e antipirética, todas mediadas pela inibição da síntese de prostaglandinas, em tecidos periféricos ou no sistema nervoso central. Grande parte dos idosos fazem uso destes medicamentos com pouco, ou até mesmo, sem conhecimento sobre os danos que podem acarretar ao organismo.

O uso prolongado de AINES não seletivo está condicionado ao surgimento de efeitos no trato gastrointestinal (TGI), o que inclui dor abdominal, dispneia e hemorragia gástrica ou duodenal. Nesse contexto surge então uma classe nova de AINEs, que são os inibidores seletivos da ciclo-oxigenase 2, denominado como Coxibes, e o seu intuito de utilização é minimizar os efeitos adversos dos AINEs clássicos (PINHEIRO, 2020).

Em idosos, o uso de AINEs deve ser considerado com cautela, visto o aumento do risco de sangramento gastrintestinal e perfurações, além de manifestações que podem ser fatais (PINHEIRO; WANNMACHER, 2012). Observando os efeitos adversos desta classe, pode-se afirmar que a prescrição da mesma deve ser criteriosa, em especial aos pacientes que são considerados de alto risco e propícios a desenvolver uma lesão renal, como idosos, hipertensos, diabéticos, pacientes hipovolêmicos ou em uso de diuréticos (MELGAÇO, et al., 2010).

Levando-se em consideração a grande incidência destes fatos têm-se os seguintes questionamentos: qual a taxa de automedicação com AINES nos idosos? Quais os fatores que contribuem para a automedicação e os riscos em idosos? Desta forma, o objetivo deste estudo foi identificar, por meio de evidências científicas, a incidência e os riscos da automedicação de anti-inflamatórios não esteroidais em idosos bem como a importância da atenção farmacêutica.

## 2. MÉTODO

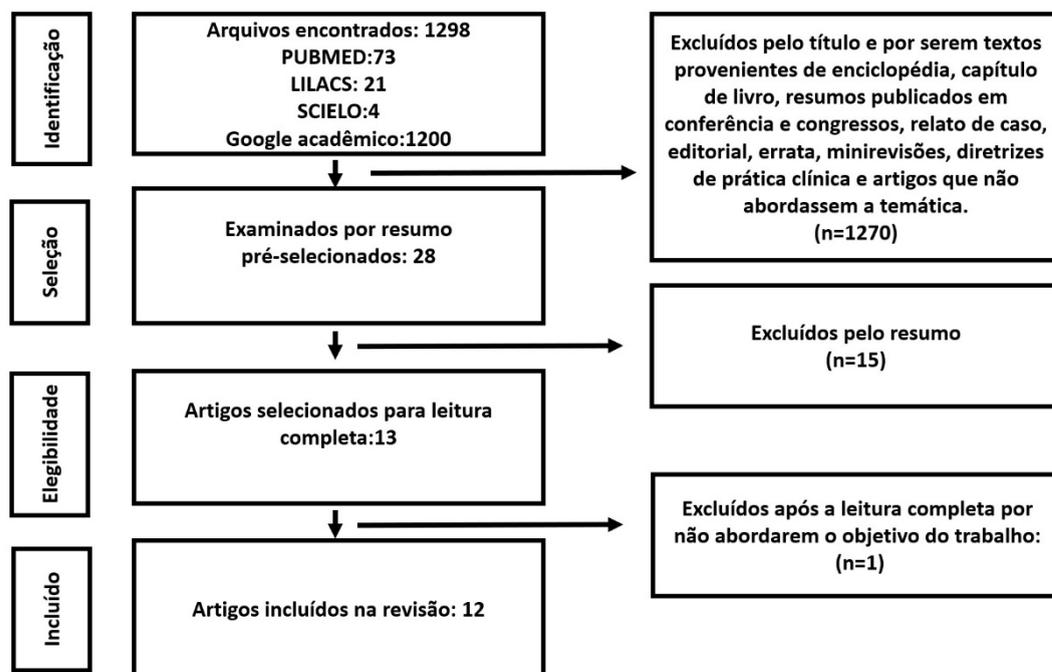
Esta pesquisa aborda uma Revisão de Literatura Integrativa, que utiliza como fonte as seguintes bases de dados: Biblioteca Eletrônica Científica Online (SCIELO), PUBMED, Google Acadêmico e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Como termos de busca, foram empregados "Anti-Inflamatórios não Esteroides", "Automedicação" e "Idosos", em português, inglês e espanhol, respectivamente.

Para selecionar a amostra desejada, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão compreenderam: estar escrito em língua portuguesa, espanhola ou inglesa; estar completo; estar publicado no período de 2018 a 2022; e responder à questão de pesquisa. Já os critérios de exclusão englobaram: estar escrito em língua estrangeira que não seja espanhol e inglês; ser relato de caso; ser revisão; ser arquivo duplicado; e estar disponível apenas parcialmente.

## 3. RESULTADOS

Durante o processo de busca, foram identificados 1298 estudos publicados. Após uma análise cuidadosa, 13 foram selecionados para uma seleção mais específica, sendo que os 12 arquivos restantes se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão. O Quadro I mostra os estudos selecionados pela metodologia PRISMA.

Quadro 1- Fluxograma de identificação e seleção dos artigos para a revisão integrativa



Fonte: Próprio autor, 2023.

Foi realizada uma análise de conteúdo que consiste nos arquivos utilizados na investigação, visando verificar se eles atendem aos objetivos do estudo.

O objetivo de Carvalho et al. (2018) foi avaliar o uso de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) por pacientes idosos em uma rede de farmácias na região sudoeste da Bahia, Brasil. Para tanto, realizou-se um estudo transversal com uma amostra de 206 pacientes idosos que adquiriram AINEs em uma rede de farmácias em Vitória da Conquista, Bahia, durante o período de abril a junho de 2016. Foram coletadas informações sobre a indicação, dosagem, frequência e duração do uso de AINEs. Os resultados revelaram que os AINEs mais utilizados foram diclofenaco, paracetamol, dipirona, nimesulida, AAS, ibuprofeno, cetoprofeno e meloxicam (Tabela 1).

Tabela 1 - AINES utilizados na automedicação

<b>Autor</b>	<b>Medicamentos</b>	<b>Taxa de Automedicação com AINES</b>
CARVALHO et al., (2018)	Diclofenaco Paracetamol Dipirona Nimesulida AAS Ibuprofeno Cetoprofeno Meloxicam	48%
GIUSEPPE et al. (2018)	Nimesulina Diclofenaco	48 a 21%.
OLIVEIRA et al., (2018)	Diclofenaco Ibuprofeno Nimesulida Meloxicam Lornoxicam Paracetamol Dipirona	14,7%
SANTOS et al., (2018)	Dipirona Diclofenaco	59,4%
NORONHA et al., (2021)	Dipirona Nimesulida Paracetamol Ibuprofeno Diclofenaco	69%
LEITE et al., (2019)	Nimesulida Paracetamol Dipirona	49,2%
ANGELICI et al., (2021)	Dipirona Nimesulida AAS	93%

ARAÚJO (2020)	Dipirona Nimesulida	66%
JESUS & SALAZAR (2022)	Ibuprofeno Diclofenaco	57,1%
SILVA et al., (2021)	Diclofecano Paracetamol Dipirona Nimesulida	68,6%
SALCHER et al., (2018)	Dipirona Nimesulida Paracetamol	49,2%
GUSMÃO et al., (2019)	Paracetamol Dipirona Nimesulida	92,4%

Fonte: Próprio autor, 2023.

Observou-se que 48% dos pacientes fizeram automedicação com AINEs (Tabela 1), sendo que doenças crônicas, dores de cabeça e coluna, febre e inflamação na garganta foram os principais sintomas responsáveis pela automedicação (Tabela 2). A reação adversa relatada foi desconforto gástrico.

Tabela 2 – Fatores associados à automedicação e os riscos dos AINES

<b>Autor</b>	<b>Fatores que levam à automedicação</b>	<b>Consequências</b>
CARVALHO et al., (2018)	Doenças crônica Dores de cabeça Coluna Febre Inflamação na garganta	Desconforto gástrico.
LEITE et al., (2019)	A dor de garganta, cabeça e óssea.	Hepatite medicamentosa Insuficiência renal, alterações fisiológicas e metabólicas, efeitos gastrointestinais como sangramento e úlceras, distúrbios digestivos e alergias e sintomas cardiovasculares

ARAÚJO, (2020).	As dores de cabeça, nos ossos e articulações.  Motivos: Saber que o medicamento tem ação farmacológica para os sintomas apresentados; Advindo de prescrições médicas anteriores, Ter a medicação em casa e não ver necessidade de perguntar ao prescritor novamente; Achar desnecessário uma consulta médica para uso de um MIP e pela facilidade em adquiri-lo; Um difícil acesso ao atendimento médico e condições financeiras inapropriadas para consulta particular. Influenciados por vizinhos ou amigos	Tontura Náuseas, Diarreia Irritação gástrica Refluxo Mal-estar Desmaio
GUSMÃO et al., (2019)	A dor de garganta, cabeça e óssea. Indicação de familiares.	Intoxicação e internação
OLIVEIRA et al., (2018)	Musculoesquelético	Dor de estômago
SANTOS et al., (2018)	As dores musculares e articulares, cefaleia e gripes e resfriados, referidas.  Os motivos: O medicamento já ter sido prescrito antes, experiência anterior com o medicamento. A certeza de que o medicamento é Seguro. A indicação de parentes ou amigos. A pouca gravidade do problema de saúde ou doença.	Desconforto gástrico.
SILVA et al., (2021)	A dor de garganta, cabeça e óssea. Indicação de vizinho, amigo e parente.	Irritação gástrica Refluxo
NORONHA et al., (2021)	Dores  Motivos: Ser comprados facilmente sem prescrição médica e já terem em casa. Indicação de um profissional de saúde	Dor de estômago
ANGELICI et al., (2021)	Artrite reumatóide	Dor de estômago
SALCHER et al., (2018)	Dores em geral	Dor de estômago
JESUS & SALAZAR (2022)	Dores em geral	Irritação gástrica Refluxo
GIUSEPPE et al. (2018)	musculoesqueléticas em pacientes idosos com doença cerebro/cardiovascular	Desconforto gástrico

Fonte: Próprio autor, 2023.

Leite et al. (2019) avaliaram a prática de automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) em idosos. Para isso, conduziu-se um estudo transversal com uma

amostra de 191 idosos residentes na cidade de Cascavel, Paraná, Brasil. Os participantes responderam a um questionário sobre o uso de AINEs, incluindo a frequência, dosagem, duração e indicação do uso. Os resultados demonstraram que 49,2% dos idosos fizeram automedicação com AINEs. As reações adversas relatadas foram hepatite medicamentosa, insuficiência renal, alterações fisiológicas e metabólicas, efeitos gastrointestinais como sangramento e úlceras, distúrbios digestivos, alergias e sintomas cardiovasculares.

Angelici et al. (2021) analisaram os fatores que influenciam a escolha do tratamento biológico de primeira linha em pacientes com artrite reumatoide. Para isso, os autores realizaram uma análise de dados de um registro nacional italiano que incluiu pacientes com artrite reumatoide que iniciaram o tratamento biológico entre 2015 e 2017. Os resultados revelaram que, dos 5.524 pacientes idosos, cerca de 61,4% utilizavam AINEs, sendo que 93% desses pacientes faziam automedicação.

Giuseppe et al. (2018) avaliaram o uso de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) em idosos por meio de uma revisão sistemática da literatura e metanálise de estudos observacionais que avaliaram a utilização desses medicamentos em idosos com idade acima de 65 anos. Os resultados da análise indicaram o diclofenaco e a nimesulida como os AINEs mais utilizados nessa população. A prevalência da automedicação com AINEs variou de 21% a 48%.

Araújo (2020) destaca que a automedicação pode ser especialmente perigosa para os idosos devido ao maior risco de sofrer efeitos colaterais e interações medicamentosas adversas, bem como dificuldades em compreender e seguir as orientações dos médicos. O autor apresenta um estudo de caso de um idoso hospitalizado devido a complicações decorrentes da automedicação. Entre os 100 pacientes entrevistados, a maioria (66%) fazia uso de medicamentos que não haviam sido prescritos pelo médico. As principais razões para a automedicação foram dores de cabeça, ossos e articulações, além de ter medicamentos em casa e não ver necessidade de perguntar ao prescritor novamente, achar desnecessária uma consulta médica para uso de um medicamento isento de prescrição (MIP) além da influência de vizinhos ou amigos. As reações adversas relatadas incluíram tontura, náusea, diarreia, irritação gástrica, refluxo, mal-estar e desmaio.

Gusmão (2019) avaliou a prevalência de automedicação em idosos e os fatores associados a essa prática. Os resultados mostraram que os medicamentos mais utilizados pelos idosos para automedicação foram diclofenaco, paracetamol, dipirona, nimesulida, AAS, ibuprofeno, cetoprofeno e meloxicam, sendo que a automedicação com AINES foi relatada por 278 idosos (92,4%). Apesar do alto índice de automedicação, apenas 6,2% dos idosos

afirmaram ter sofrido algum episódio de intoxicação, e destes, somente 0,33% necessitou de internação hospitalar em decorrência do quadro.

A pesquisa realizada por Salcher et al., 2018 teve como objetivo analisar o perfil de medicamentos utilizados por idosos que praticaram automedicação em um centro de referência de saúde em Porto Alegre, Brasil. Foram incluídos na análise 153 idosos, com idade média de 69 anos, que haviam realizado automedicação nos últimos seis meses. Entre os 313 idosos avaliados, 49,2% fizeram uso de algum MIP e os AINEs foram os mais utilizados, representando 95,7% do grupo. A dor foi o principal sintoma que levou à automedicação.

Oliveira et al., 2018 realizaram um estudo com o objetivo de analisar o perfil de medicamentos utilizados por idosos por automedicação em um centro de referência de saúde em Belo Horizonte, Brasil. Foram avaliados 152 idosos, com idade média de 70 anos, que haviam realizado automedicação nos últimos seis meses. Os resultados indicaram que os medicamentos mais utilizados foram diclofenaco, ibuprofeno, nimesulida, meloxicam, lornoxicam, paracetamol e dipirona. Do total de 137 idosos que relataram praticar automedicação, 76 utilizavam MPII, representando 55,5% desse grupo. Entre os MPII, os AINEs representavam 14,7% dos medicamentos utilizados. A automedicação foi motivada principalmente por dor musculoesquelética.

Jesus & Salazar, 2022, realizaram um estudo para investigar o perfil epidemiológico dos idosos que adquiriram medicamentos por automedicação em drogarias na cidade de Imperatriz, Maranhão, Brasil. A pesquisa avaliou 400 idosos com idade média de 70 anos. Os resultados indicaram que os AINEs foram os medicamentos mais frequentemente adquiridos por automedicação, correspondendo a 57,1% do total.

Santos et al. (2018) realizaram uma análise da prevalência e dos fatores associados à automedicação entre participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) no Rio de Janeiro. Foram entrevistados 203 idosos, com idade média de 68 anos, e os resultados indicaram que diclofenaco e dipirona foram os medicamentos mais utilizados por automedicação, correspondendo a 59,4% dos AINEs utilizados. As dores musculares e articulares, cefaleia, gripes e resfriados foram os principais sintomas responsáveis pela automedicação. Os motivos que levaram à automedicação incluíram o fato de o medicamento já ter sido prescrito antes, experiência anterior com o medicamento, a certeza de que o medicamento é seguro, a indicação de parentes ou amigos e a pouca gravidade do problema de saúde ou doença.

Silva et al. (2021) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a prevalência de automedicação em idosos atendidos na atenção básica de saúde, identificar os principais medicamentos utilizados e os fatores associados à automedicação. Foram incluídos 184 idosos residentes em um município do interior de Minas Gerais em um estudo transversal. A automedicação com AINES foi de 68,6%, sendo que as dores de cabeça, osso e garganta foram os principais sintomas responsáveis pela automedicação. Os motivos que levaram à automedicação foram a indicação de parentes, vizinhos e amigos.

Noronha et al. (2021) realizaram um estudo transversal para avaliar a prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) em uma drogaria de Espírito Santo do Pinhal-SP. Foram entrevistados os clientes da drogaria que compraram AINES sem prescrição médica nos últimos três meses. Os resultados indicaram que os AINES mais utilizados foram dipirona, nimesulida, paracetamol, ibuprofeno e diclofenaco, correspondendo a 69% da automedicação. As dores foram os principais sintomas responsáveis pela automedicação. Os motivos que levaram à automedicação foram a facilidade de compra sem prescrição médica e o fato de já terem o medicamento em casa com indicação de um profissional de saúde. A dor de estômago foi relatada como reação ao uso dos medicamentos.

#### **4. DISCUSSÃO**

Conforme apresentado nos resultados, o tipo de estudo mais comum foi transversal, descritivo e quantitativo. Um estudo transversal é uma forma de estudo observacional que coleta dados em um único momento no tempo, sem acompanhamento longitudinal. Já o termo descritivo significa que o estudo buscou descrever a natureza e distribuição de um fenômeno sem manipular variáveis, usando métodos estatísticos descritivos. O termo quantitativo significa que o trabalho utiliza métodos numéricos para coletar e analisar dados, podendo envolver questionários, entrevistas, observações ou outras técnicas padronizadas, e a análise pode ser feita por meio de estatística descritiva ou inferencial. Portanto, um estudo transversal, descritivo e quantitativo permitiu coletar dados sobre a automedicação em idosos com os AINES em um momento específico, sem manipular variáveis, usando métodos numéricos para analisar e descrever a distribuição da automedicação na população de idosos (ARAGÃO, 2011).

O estudo transversal, descritivo e quantitativo, no entanto, apresenta vantagens e desvantagens. Por um lado, pode fornecer informações rápidas e acessíveis sobre uma grande população em um curto período de tempo, identificar a prevalência e distribuição

de uma condição ou característica específica, gerar hipóteses para futuras pesquisas e ser adequado para estudos em larga escala e planejamento de saúde pública. Por outro lado, não permite análise longitudinal das mudanças ao longo do tempo, estabelecimento de causalidade entre variáveis, pode haver viés de seleção e de memória dos participantes, além de problemas de representatividade e generalização dos resultados. É importante considerar essas vantagens e desvantagens ao planejar e interpretar os resultados de um estudo transversal, descritivo e quantitativo.

A automedicação pode ser praticada em qualquer idade, mas quando se trata da questão do tratamento e dos medicamentos, há uma atenção especial dada aos idosos por se tratar de um grupo vulnerável. Pesquisas constataram que a população idosa são os maiores consumidores de medicamentos na maioria dos países (SECOLI et al, 2019). Corroborando com esta constatação, a automedicação com o uso de AINES variou bastante com mínimo de 21%, mas com máximo 92,4% no Brasil (Tabela 1). A taxa de automedicação com o uso de AINES em idosos pode ser variável por vários motivos. Primeiramente, a automedicação com o uso de AINES pelos idosos pode ser influenciado pela presença dos seguintes sintomas: dor, febre e inflamação (CARVALHO ET AL., 2018; ARAÚJO, 2020; SALCHER ET AL., 2018; OLIVEIRA ET AL., 2018; SANTOS ET AL., 2018; SILVA ET AL., 2021; NORONHA ET AL., 2021). Fatores socioeconômicos, como a dificuldade de acesso aos serviços de saúde e a disponibilidade de medicamentos sem receita médica (ARAÚJO, 2020). Além disso, a autoavaliação dos sintomas pelo paciente e sua percepção sobre a necessidade de medicamentos podem variar, afetando a decisão de automedicação.

Outros fatores que podem afetar a taxa de automedicação nos idosos incluem o armazenamento de medicamentos em casa e não ver necessidade de perguntar ao prescritor novamente, achar desnecessário uma consulta médica para uso de um MIP, a facilidade em adquiri-lo, ser comprados facilmente sem prescrição médica, a presença de comorbidades, como doenças crônicas (artrite, espondilite e artrose), o uso de outras medicações que possam interferir na escolha ou na eficácia dos AINES e saber que o medicamento tem ação farmacológica para os sintomas apresentados, provavelmente advindo de prescrições médicas anteriores, da indicação de amigos, vizinhos e familiares, e da certeza de que o medicamento é seguro (CARVALHO ET AL., 2018; KHALIL ET AL., 2020; ARAÚJO 2020; SANTOS ET AL., 2018; SILVA ET AL., 2021; NORONHA ET AL., 2021). Por fim, a variação na taxa de automedicação também pode estar relacionada à falta de consenso na

definição de automedicação e aos diferentes métodos utilizados para avaliar a prática em estudos epidemiológicos.

Uma razão para a maior taxa de uso de medicamentos e automedicação entre os idosos é o maior risco de muitas doenças na idade avançada, como explica Pereira et al (2017). Segundo os autores, uma grande proporção da população idosa sofre de doenças como doenças cardiovasculares, diabetes e câncer. Além disso, a comorbidade de doenças crônicas é comum nessa faixa etária, podendo levar ao aumento do uso de medicamentos.

Entende-se, portanto, que o aumento da idade está associado ao aumento da prevalência de condições médicas crônicas, maior número de medicamentos usados e maior demanda por todos os serviços médicos, incluindo serviços alternativos. Com isso, as práticas de automedicação são amplamente praticadas globalmente como principal forma de autocuidado para o manejo da dor (NORONHA et al, 2021).

As atitudes, crenças e percepções dos idosos sobre a doença e as diferentes formas de lidar com ela são um dos principais determinantes do comportamento da automedicação (NORONHA et al, 2021). Quando os indivíduos acreditam que não há necessidade de consultar um médico, eles definitivamente recorrem à automedicação. Isso ocorre enquanto, às vezes, um sintoma como a febre é considerado comum e simples pelos indivíduos, mas pode ser um sinal grave de doença para os idosos. Além disso, em muitos casos, os idosos atribuem seus sintomas à idade e assumem que nada pode ser feito a respeito, então eles precisam suportar a situação ou, de alguma forma, gerenciá-la (MOURA et al, 2022).

Os facilitadores da automedicação em idosos incluem situações em que apresentam sintomas leves ou toleráveis ou condições que podem ser atribuídas à idade avançada. Nesses casos, os indivíduos acreditam ser autossuficientes e capazes de lidar com a situação por conta própria. Portanto, ao levar em consideração o efeito das atitudes dos pacientes sobre a doença sobre a intenção de se auto tratar e o comportamento subsequente, esse construto pode ser usado para projetar intervenções de mudança de comportamento para prevenir a automedicação quando houver necessidade de se referir a um médico (SECOLI et al, 2019).

Outra questão expressa em algumas pesquisas, diz respeito a situações complicadas devido à comorbidade de doença crônica. O autoajuste posológico, a interrupção do uso, o esquecimento de determinados medicamentos e a automedicação, estão entre outros

problemas decorrentes da multimorbidade e do consumo múltiplo de medicamentos. Este resultado é consistente com estudos anteriores (NORONHA et al, 2021).

Para Bispo (2018), na maioria dos casos, os idosos precisam consultar vários médicos para diversas condições crônicas, portanto, tentam autogerenciar qualquer sintoma ou problema recém-desenvolvido para que não precisem consultar um novo médico e receber medicamentos adicionais. Nessas circunstâncias, a avaliação do idoso aponta para uma situação mais complicada e maior risco de efeitos colaterais devido ao consumo de múltiplos medicamentos.

O uso de medicamentos anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) em idosos é de particular interesse porque várias variáveis associadas à velhice, como múltiplas comorbidades e alterações fisiológicas, podem aumentar o risco de reações adversas a medicamentos. Entretanto, estudos mostram que promoção da saúde geral e a prevenção de doenças também foram encontradas como principais variáveis que impulsionam a automedicação dessas substâncias (SALES; LACERDA, 2017).

É importante ressaltar que a automedicação com AINES pode apresentar riscos para a saúde dos idosos. A partir dos resultados extraídos dos artigos, os sintomas relatados devido ao uso dos AINES foram tontura, náuseas, diarreia, irritação gástrica, refluxo, mal-estar, desmaio, edema e anemia (CARVALHO ET AL., 2018; KHALIL ET AL., 2020; ARAÚJO, 2020; NORONHA ET AL., 2021). Além disso, em alguns casos mais graves houve relatos de hepatite medicamentosa, insuficiência renal, sintomas cardiovasculares e, em alguns casos, a necessidade de internação (LEITE ET AL., 2019; GUSMÃO ET AL., 2019).

Os sintomas descritos anteriormente podem ser explicados em parte sobre dois aspectos: metabólico e terapêutico. Em idosos, os efeitos dos medicamentos são mais intensos e prolongados devido às alterações fisiológicas que afetam a biodisponibilidade e excreção dos medicamentos pela diminuição do fluxo renal e metabólico. Além disso, as alterações fisiológicas que ocorrem no organismo dos idosos podem afetar a farmacocinética e farmacodinâmica dos medicamentos consumidos, aumentando sua suscetibilidade a adquirir doenças. Isso inclui a redução do número de receptores existentes no organismo, variações na afinidade do fármaco pelo receptor e alterações na absorção, transporte dos medicamentos na circulação sanguínea, alterações gastrointestinais, incluindo o pH gástrico não alterado e limitação do esvaziamento gástrico. Além disso, a ocorrência de divertículos

aumenta a má absorção e a biodisponibilidade dos AINES na circulação sistêmica. A distribuição irregular dos medicamentos também é influenciada pela diminuição da concentração plasmática de albumina e a eliminação renal prejudicada, aumentando a viabilidade de efeitos tóxicos (Santos et al., 2022).

Segundo Sanchez et al (2021) as alterações relacionadas com a idade no metabolismo e a automedicação, bem como o efeito dos medicamentos no organismo, levam a alterações na reação do organismo aos medicamentos entre os idosos. Alterações farmacocinéticas podem resultar em congestão e agravamento dos efeitos do medicamento, aumentando os efeitos colaterais e a interferência do medicamento.

A polifarmácia também é prejudicial para idosos devido ao aumento do risco de efeitos colaterais e interações medicamentosas. É importante prescrever AINES com doses apropriadas e monitorar a administração para evitar gastos excessivos e internações decorrentes da má administração de fármacos (Santos et al., 2022). O uso inadequado dos AINES, bem como alguns AINES estão associados com problemas gastrointestinais, nefrotoxicidade e efeitos colaterais, ou seja, eles podem causar diversos efeitos negativos ao reduzir os níveis de prostaglandinas, elas têm um papel importante na fisiologia gástrica, renal e no mecanismo de coagulação. Esses eventos tornam importante a busca por terapias alternativas e a prescrição criteriosa dos AINES. Sendo assim, é fundamental conscientizar a população sobre os riscos e incentivar a orientação médica para evitar reações adversas e interações medicamentosas.

Vale salientar que outros profissionais da saúde, além dos médicos, como por exemplo, o farmacêutico pode atuar nos processos de conscientização e orientação da população sobre os riscos do uso dos AINES durante o processo de automedicação. De acordo com Egídio et al., 2021, o farmacêutico pode alertar a população sobre os riscos de intoxicação por AINES, por meio de orientações sobre a importância do uso racional dos medicamentos, incluindo a prescrição médica adequada, dosagens e intervalos corretos entre as doses, e os possíveis efeitos colaterais que devem ser monitorados. Além disso, o farmacêutico pode fornecer informações sobre terapias alternativas e cuidados gerais que podem ajudar a evitar o uso dos AINES.

Entre os AINES consumidos durante automedicação estão diclofenaco, paracetamol, dipirona, nimesulida, AAS, ibuprofeno, cetoprofeno, meloxicam e lornoxicam. Além dos fatores descritos no parágrafo anterior que explicam o consumo dos AINES, temos ainda o

baixo custo destes medicamentos. No Brasil, os AINES já eram baratos devido a grande concorrência entre as diferentes marcas para comercialização e hoje o custo reduziu ainda mais com a política dos genéricos, a qual reduziu significativamente as despesas com a compra dos AINES, assim como ampliou o acesso.

Finalmente, é sabido que a elaboração de uma revisão integrativa possui limitações, uma vez que os estudos primários incluídos podem variar em qualidade e alguns podem ser limitados em termos de tamanho da amostra, viés de seleção, risco de troca por confusão e outros fatores que podem afetar a validade das conclusões. A busca bibliográfica também pode ser limitada por restrições de idioma, o que não foi o nosso caso, pois foram adotados os três idiomas, ela pode ser limitada por restrições de acesso a bases de dados específicas ou palavras-chave inadequadas, o que pode levar à exclusão de estudos relevantes.

Os estudos incluídos na revisão integrativa podem ser heterogêneos em termos de população, intervenções, desenhos de estudo e medidas de desfecho, tornando difícil a comparação e síntese dos resultados. Por isso, especificamos a população do estudo e o tipo de estudo, o que facilita avaliar e comparar os desfechos. A síntese dos resultados pode ser limitada por diferenças metodológicas entre os estudos, heterogeneidade dos dados e a possibilidade de viés de publicação. Os resultados de uma revisão integrativa podem não ser generalizáveis para outras populações ou contextos, especialmente se a amostra de estudos primários incluídos for limitada em termos de diversidade geográfica ou sociodemográfica. Apesar dessas limitações, a revisão integrativa continua sendo uma ferramenta valiosa para a síntese de evidências em saúde, desde que essas limitações sejam consideradas e abordadas de forma adequada.

## **5. CONCLUSÃO**

Observou-se uma grande variabilidade na taxa de automedicação em idosos nos últimos cinco anos. Além disso, os estudos selecionados relataram diversos fatores que justificam em parte a automedicação nos idosos, bem como descreveram os efeitos adversos devido o uso dos AINES.

Tais achados mostram que a escolha adequada dos AINES deve levar em conta alguns fatores que variam de paciente para paciente, como suas preferências, fatores de risco/benefício, efetividade terapêutica desejada, toxicidade, custo-benefício, experiência de uso e a facilidade de administração. Além disso, o mecanismo de ação, as indicações clínicas,

as contraindicações, as interações medicamentosas e as possíveis reações adversas, que podem resultar no agravamento da saúde do paciente.

Verificou-se a necessidade de medidas efetivas no combate ao uso incorreto dos medicamentos, com ações sociais para conscientizar os idosos e amigos, familiares e vizinhos dos idosos para o uso racional dos medicamentos e orientação para os riscos apresentados por medicamentos devido seu abuso intencional ou não intencional, e uma reavaliação contínua do perfil dos idosos com alta prevalência de reações adversas por AINES devido ao uso indiscriminado desses medicamentos.

Por fim, os dados descritos permitirão ao profissional de saúde, como por exemplo: o farmacêutico, agir na promoção do uso racional de AINES nos idosos, assim como auxiliar no tratamento adequado da doença, minimizando os riscos de interações e efeitos colaterais, além de evitar futuros agravamentos.

## REFERÊNCIAS

- ANGELICI L, ADDIS A, AGABITI N, KIRCHMAYER U, DAVOLI M, BELLEUDI V. Determinants of first-line biological treatment in patients with rheumatoid arthritis. *Medicine*, v. 100, n. 19, 2021.
- ARAGÃO, J. **Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas**. *Revista Práxis*.v. 3 n. 6, p.1-4, 2011.
- ARAÚJO, I. G. de. Focus on self-medication in elderly patients. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 81600-81607, Oct. 2020.
- BISPO, Naiara Santos et al. Automedicação: solução ou problema? *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, v. 16, 2018.
- CARVALHO, C. S.; CARVALHO, A. S.; PORTELA, F. S. Uso indiscriminado e irracional de anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) por pacientes Idosos em uma Rede de Farmácias do Sudoeste da Bahia. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, v. 12, n. 40, 2018.
- EGÍDIO , A. C. de M. .; ANDRADE, L. G. de .; LOBO, L. C.; SILVA, M. S. da. **Atuação do farmacêutico no processo de intoxicação por analgésicos não-opioides e anti-inflamatórios não-esteroides (AINES)**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 884–894, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2289>. Acesso em: 1 maio. 2023.
- FERREIRA, Isabela Silva; DE CARVALHO, Ciro José Sousa. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. *Revista Brasileira de Desenvolvimento*, v. 7, n. 5, pág. 47642-47652, 2021.
- FERREIRA, Larissa Valerio et al. Os riscos do uso dos Anti-Inflamatórios não esteroidais em Idosos The Risks Of Nonsteroid Anti-Inflammatory In Aged People. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 7, p. 74885-74899, 2021.
- GIUSEPPE R, BARTOLINI C, REA F, ONDER G, VITALE C, TRIFIRÓ G, KIRCHMAYER U, CHINELLATO A, LUCENTEFORTE E, et al. NSAID utilization for musculoskeletal indications in elderly patients with cerebro/cardiovascular disease. *Eur J Clin Pharmacol*, v. 75, n. 5, 2019.
- GUSMÃO, E. C. Automedicação em idosos e fatores associados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde / Electronic Journal Collection Health*, v. 11, n. 2, e191, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e191>.
- JESUS, J. M.; SALAZAR, J. M. Automedicação na terceira idade: perfil epidemiológico de idosos na aquisição de medicamentos em drogarias de Imperatriz – MA. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 6, p. 45359-45380, jun. 2022.
- LEITE, J.H.S., OLIVEIRA, H.C., SALOMAO, P.A.V., BOFF, S.R., SANTOS, K.F., FUJII, M.F.F., PEREIRA, M.D. Anti-inflamatório não esteroidais: a prática da automedicação por idosos. *Revista Saúde em Foco*, ed. 11, 2019.
- MELGAÇO, S. S. C., et al. Nefrotoxicidade dos anti-inflamatórios não esteroidais. *Revista de Medicina do Ribeira Preto*. São Paulo, vol. 43, n.4, p. 382- 390, 2010.

MOURA, Adriane de Sousa et al. Automedicação: Revisão Sobre os Impactos na Saúde pelo Uso Irracional dos Anti-Inflamatórios/Self-medication: Review of the Health Impacts of the Irrational use of Anti-Inflammatory Drugs. ID on line. Revista de psicologia, v. 16, n. 61, p. 26-39, 2022.

NASCIMENTO, Bianca Stéfany Aguiar et al. O envelhecimento sob a ótica do ser idoso: uma abordagem fenomenológica. Research, Society and Development, v. 9, n. 1, p. e15911501-e15911501, 2020.

NASCIMENTO, Leslie Tauany Schneider da et al. Avaliação e otimização das condições de obtenção do ácido acetilsalicílico para fins didáticos. Educ. quím, Ciudad de México, v 30, n. 2, p. 54-69, 2019.

NORONHA, Julia Ignacio et al. Análise da prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais em uma drogaria de Espírito Santo do Pinhal-SP. Revista Faculdades do Saber, v. 6, n. 12, p. 814-822, 2021.

OLIVEIRA, S. B. V. et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. Einstein, v. 16, n. 4, eAO4372, 2018. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.31744/einstein\\_journal/2018AO4372](http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2018AO4372).

PEREIRA, Francisco Gilberto Fernandes et al. Automedicação em idosos ativos. Rev. enferm. UFPE on line, p. 4919-4928, 2017.

PINHEIRO, P. Anti-inflamatórios (AINES) Ação e efeitos colaterais. MD. Saúde. Disponível em: <https://www.mdsaude.com/reumatologia/anti-inflamatorios-aines/>. Acesso em: 23 março de 2023.

PINHEIRO, R. M.; WANNMACHER, L.; J. M. Silva, et al. Uso racional de anti-inflamatórios não esteroides. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. Uso Racional de Medicamentos Temas relacionados. Brasília: Editora MS, 2012. Cap. 5, p. 41-50. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.7, n.4, Pub.5, Outubro 2014.

SANCHEZ, Laura Isabela Barroso et al. Avaliação sobre o uso irracional de anti-inflamatório não esteroidais (aines) em idosos no brasil: Uma revisão de literatura Evaluation of the irrational use of nonsteroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs) in the elderly in Brazil: A literature review. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 11, p. 103478-103489, 2021.

SALES, Karine Helena; LACERDA, Leandro Heleno Guimarães. A utilização de anti-inflamatórios não esteroides (AINES) por idosos clientes de duas drogarias privadas de municípios de minas gerais. Revista Brasileira de Ciências da Vida, v. 5, n. 1, 2017.

SANTOS, A. N. M. dos; NOGUEIRA, D. R. C.; BORJA-OLIVEIRA, C. R. Automedicação entre participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade e fatores associados. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 21, n. 4, p. 431-439, 2018.

SANTOS, L. F. dos; SILVA, A. S. da; BORIN, F. Y. Y. **A má administração medicamentosa de analgésicos e anti-inflamatórios em idosos.** Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, [S.l.], v. 38, n. especial, p. 278-296, nov. 2022. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatest/article/view/2778>. Acesso em: 01 maio 2023.

SILVA, T. C. A. et al. Automedicação em idosos da Atenção Básica. Revista Enfermagem Contemporânea, v. 10, n. 2, p. 188-196, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i2.3667>.

SILVA, Amanda Menezes da. Et al. Levantamento do uso de anti-inflamatório não esteroidais entre estudantes do Curso de Medicina em uma Instituição de Ensino Superior de São Paulo. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 10, Vol. 05, pp. 61-83. outubro de 2019.

SILVA, Arisson Raiol et al. A Automedicação e o Uso da Melatonina: Revisão Integrativa da Literatura Automedicação e o Uso da Melatonina: Literatura Integrativa. Revista Brasileira de Saúde , v. 4, n. 5, pág. 21460-21483, 2021.

SECOLI, Silvia Regina et al. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 21, 2019.